

Sandra Regina de Alencastro Lima

*Diário
da Tradição
Gaúcha*



pragmatha

Sandra Regina de
Alencastro Lima

*Diário
da Tradição
Gaúcha*

São Paulo
Pragmatha
2023

Pragmatha Editora
www.pragmatha.com.br

Edição: Sandra Veroneze
Identidade Visual: Pragmatha
Copyright: Da Autora

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial
sem a expressa autorização.

Dados Internacionais de Catalogação

L732d Lima, Sandra Regina de Alencastro.
Diário da tradição gaúcha / Sandra Regina de Alencastro
Lima. – São Paulo: Pragmatha, 2023.

-- p. : il. color. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-8434-134-4

1.Gaúchos – Rio Grande do Sul – Identidade étnica. 2.Rio Grande do Sul – Usos e costumes. 3.Patrimônio cultural – Rio Grande do Sul. 4.Gaúchos – Identidade étnica. I.Título.

CDU 316.347(816.5)

CDD 305.80098165

Catalogação na publicação:

Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252



Sumário

[Sobre a autora / 05](#)

[Introdução / 08](#)

[O diário da identidade gaúcha / 11](#)





Eu sou a Sandra, mulher gaúcha que ama as coisas do seu chão, da sua querência, a tradição gaúcha. Filha da D. Marina, uruguaia de Rivera e do seu Uilber, nascido na localidade chamada Galpões, em Sant'Ana do Livramento.

Na minha família sempre tive muito claras as manifestações tradicionais: costumes ligados às tradições dos homens do campo, da fronteira, de mulheres que se reuniam pro mate doce, que cuidavam da casa, dos filhos e de si nos moldes de sua época...

Sou casada com o Cláudio, mãe da Fernanda e da Luiza, moradora de Cacequi - região central do Rio Grande do Sul.





Na nossa casa temos costumes que misturam minha história com a do Cláudio, que traz a cultura dos imigrantes italianos em muitos gestos e comportamentos. Nossas filhas cresceram em contato com o mundo rural, com as pequenas e as “grandes cidades”, com as tecnologias mais antigas e as mais atuais, com as histórias dos avós, com os pais dançando as danças tradicionais gaúchas, fazendo parte de entidade tradicionalista e do tradicionalismo em si, participando junto conosco. Mas o mais importante da cultura gaúcha elas têm dentro da realidade de nossa casa. Conhecem nesse ambiente o “portunhol” e o “gringuês”; comemos um bom churrasco, um belo carreteiro de charque, um puchero, um arroz com pêssego ou um arroz com leite como sobremesa; um risoto de gringo, uma sopa de agnolini... Dançamos uma vanera, um chamamé e também arriscamos coreografar “La Bela Polenta”. Muito poderia ser citado... Temos valores





fortes de honestidade, lealdade,
amor, respeito... Honramos nossos
ancestrais nas contribuições que nos
deixaram...

Sou apaixonada pelas tradições,
dançarina de danças tradicionais
gaúcha, prenda...

Nesse contexto nasceu uma
escritora, a autora do *Meu Dançar* e
do *Diário da Identidade Gaúcha*.

Meu querido diário que guardará
com carinho registros de uma
identidade que mais do que em
objetos, está em nas nossas ações,
no sentido de cada costume e
principalmente em nossas emoções.

Para o futuro, com carinho

Sandra Regina de Alencastro Lima





Introdução

Este livro virtual interativo tem como objetivo registrar alguns aspectos da cultura gaúcha de forma simples, clara, direta e em um formato que possa trabalhar os sentidos de quem lê, que possa “sentir o que foi escrito”.

É um trabalho que busca informações nas pessoas mais velhas, em suas vivências, e que traz a prática da tradição gaúcha, de pessoas mais novas que a vivenciaram com seus pais e hoje ensinam a seus filhos e de jovens que vivenciam costumes e os cultuam dentro ou fora de entidades tradicionalistas. É uma busca realizada em um tempo mais próximo e mais perceptível para estas gerações.





A geração atual não tem ou tem pouco acesso a registros do que e de como viveram seus ancestrais, bisavós, avós... Não visualizam em sua vida diária os costumes que passaram por gerações e que, talvez modificados pelas mudanças sociais e pela tecnologia, não sejam claros, perceptíveis. Esses costumes estão vivos no cotidiano e, mesmo que modificados, são parte das vivências atuais, porém a essência de cada um deles nem sempre está explícita ou foi ensinada. É apenas um hábito.

A história do nosso povo, com seus erros e acertos, a cultura criada por nossos ancestrais com suas experiências, em sua época, foi balizada por valores muito fortes, pela moral rígida, pelas necessidades e nas possibilidades que tinham no contexto em que viviam, na observação da natureza, nas conversas em família e nos galpões, na observação dos mais velhos que eram o exemplo para a vida.





E assim viviam, tinham seus sonhos, seus objetivos e do seu jeito lutavam por eles. Sonhos e objetivos que hoje nos parecem estranhos, mas que possibilitaram que chegássemos até aqui, dando base ao que somos e temos.

A redescoberta dessa essência é o que busco registrar nesta obra para que tenhamos mais avanços morais e tecnológicos sem perder raízes. A cultura norteia um povo, dá a ele identidade, um “ter para onde ir” quando o mundo parece girar rápido demais e nos desequilibramos nas escolhas. Ter essência, raízes, valores nos dá base para escolher entre o que serve e o que não serve para nossa evolução, em qualquer tempo.

Sandra Regina de Alencastro Lima
Autora





O diário da identidade gaúcha

“Meu querido diário...”

Assim começavam os registros das meninas-moças desta terra em tempos que já foram e que muitos não vivenciaram. Tempos em que a comunicação era diferente, sem a tecnologia que hoje nos parece tão natural, na qual somos inseridos ao nascer.

Naqueles tempos as notícias vinham a cavalo num chasque, pelo rádio, pelas escassas visitas que vinham de longe, “do povo” ou da capital...

Ideias, sonhos, fatos eram registrados em papéis. Documentos eram firmados com fios de bigodes ou assinados com canetas que funcionavam com tinteiros.





As meninas-moças registravam o que lhes acontecia e o que sonhavam em pequenos diários fechados a chave e bem escondidos dos olhos alheios. Havia um código de ética natural que não permitia mexer nele, a não ser se a maldade tomasse conta de algum interesseiro ou se os pais percebessem grandes mudanças comportamentais na menina e o segredo para tal poderia estar registrado nele.

Tantas coisas aconteciam nesse tempo, muita coisa não foi registrada, muitos diários se perderam fechados, muitos chasques não foram passados adiante, muitas notícias permaneceram nas ondas do rádio: não havia como gravá-las. A maioria das coisas da vida desses tempos era passada de “pai pra filho” nas conversas, nas vivências, na observação, pelo exemplo.





Mas a maior parte das coisas desses tempos se modificaram com os avanços tecnológicos e com as mudanças sociais, costumes desses tempos ainda estão nas nossas vidas, mas não mais os reconhecemos pois estão inseridos em novos hábitos e aspectos.

Existem muitas pesquisas sobre a origem e a cultura deste povo, seus costumes, seus polos irradiadores... Cabe agora registrar um passado recente de nossa tradição; se faz necessário para que não percamos nossas raízes, para que não deixemos nossa essência apenas subentendida em novos hábitos sem que possamos ter ela como suporte, como o que sempre norteou homens e mulheres desta terra.

Registremos o que é nosso, para que não nos esqueçamos quem somos!





O exemplo: Parece que ser exemplo é algo tão subjetivo, imperceptível o momento em que isso “acontece”, o momento da aprendizagem. Mas a comunicação não verbal fala alto nesses momentos, na verdade ela grita! Um olhar, aquele olhar, o olhar do aprendiz escancara esse momento único da aprendizagem. No vídeo, o menino Gonçalo Leal Zago, filho de Alexandro Soccac Zago e Leticia de Lima Leal. Clique para assistir:





**Participe do nosso fórum de discussão
para construirmos juntos esse trabalho.**

